

TESE DA CONSTRUÇÃO SOCIALISTA E FILIAD@S INDEPENDENTES PARA O VII CONGRESSO DO PSOL

“REAFIRMAR O PSOL COMO ALTERNATIVA DA ESQUERDA SOCIALISTA”

Aos(às) militantes do PSOL:

Os(as) que subscrevem esta tese estão entre aqueles(as) que tiveram posição contrária à realização do Congresso em meio à pandemia. Da nossa parte, entendemos que o partido deveria dedicar todo o seu potencial político para estar ao lado dos(as) que mais sofrem com esta terrível crise sanitária.

Que o nosso papel deveria ser fortalecer internamente o PSOL, para que o mesmo fosse parte da unidade de ação mais ampla para enfrentar Bolsonaro e seus aliados genocidas.

Vários(as) tentaram nos convencer de que precisávamos fazer o Congresso, ouvimos todos(as) com respeito e atenção, mas nenhuma justificativa nos satisfaz.

Concluímos que o mesmo será mais excludente para as minorias. Plenárias virtuais para quem mesmo acompanhar? A vanguarda partidária, incluída, que possui uma boa internet, um bom computador ou telefone?

Não sabemos se os dirigentes partidários compreendem que, nem mesmo os(as) trabalhadores(as) em educação, que estão submetidos às aulas remotas, conseguem ter acesso aos meios necessários para exercer a sua atividade com qualidade.

Usam desculpas de que temos uma direção que já prorrogou o seu mandato, que as rupturas dos grupos ou correntes distorcem as representações, que novos agrupamentos se formaram e precisam ser incorporados, tudo isto nos parece uma necessidade apenas de loteamento do aparelho.

Sabemos que as correntes políticas que bancaram esta posição dizem que precisamos discutir política com a base, mesmo que virtualmente. Nisto concordamos, mas porque não realizar o debate incentivando o funcionamento dos Núcleos de Base do partido, as instâncias municipais, estaduais e até a nacional? Podendo, inclusive, organizar debates abertos para a militância.

Em síntese: O Congresso do Partido que, no decorrer dos anos, já foi se tornando um “funil”, além de um amontoado de denúncias de fraudes, agora será exclusivamente da superestrutura partidária. Por certo, dirão que será mais democrático, porque os(as) militantes votarão em urnas. Nada mais falso, pois as figuras públicas que foram construídas coletivamente pelo partido, estarão fazendo papéis de cabos eleitorais das suas correntes.

Quanto à base, menos controle sobre a sua direção e menos possibilidades de opinar sobre a política do partido!

Mas vamos lá, um bom Congresso a todos e todas!

I. CONJUNTURA INTERNACIONAL

1. O mundo ainda sofre as consequências da profunda crise econômica que tem abalado as estruturas do capitalismo desde 2008. Podemos caracterizar que estamos vivendo uma crise estrutural do sistema, que não consegue resolver as suas próprias contradições. As consequências se revestem de efeitos devastadores para a população e o meio-ambiente do planeta.

2. Neste último ano, a humanidade está enfrentando uma tragédia. A pior, desde a segunda guerra mundial. Um flagelo sanitário que está ceifando milhões de vidas em todos os continentes. A pandemia do novo coronavírus escancarou a barbárie do capitalismo e aumentou sobremaneira a miséria, a fome, o desemprego e a desesperança do povo trabalhador.

3. Contudo, a acumulação de capital vem aumentando, os ricos estão mais ricos. Os bilionários aumentaram suas fortunas. Os preços dos insumos hospitalares dispararam, assim como do gás de cozinha, dos alimentos e remédios. O capitalismo usa os desastres naturais para avançar nos negócios e aumentar sua riqueza.

4. O desemprego é tão grande estruturalmente, que gerou uma massa pauperizada de proporções colossais. Mesmo nos países de primeiro mundo já existem favelas de trabalhador@s fora do mercado de trabalho. Os governos, enquanto massacram @s trabalhador@s e os pequenos negócios, garantem os lucros do sistema financeiro e do agronegócio, com políticas protecionistas para estes setores.

5. Diante deste cenário, a burguesia internacional e os governos, sejam da extrema-direita ou os ditos “progressistas”, seguem com seus planos de ajustes,

jogando nas costas d@s trabalhador@s o custo da crise estrutural. Em todos os continentes ocorre uma redução drástica de políticas sociais, flexibilização nas leis trabalhistas e reformas nas aposentadorias.

6. Avançam sobre os serviços públicos, numa onda gigantesca de privatizações. Saúde, educação, saneamento e previdência são alguns dos setores que estão sendo entregues à iniciativa privada no mundo todo.

7. Outro aspecto do programa da burguesia global e liberal se refere às dívidas públicas dos países. Hoje há um controle absoluto dos governos e suas economias, existe um escoamento deliberado e agressivo, sempre com regras obscuras, dos recursos públicos para o dragão do sistema financeiro, que é concentrado internacionalmente.

8. Mais uma consequência dramática desta pandemia é o fechamento das fronteiras, obstruindo a onda migratória que estava acontecendo até o início de 2020. Em vários países, devido às guerras ou à falta de oportunidades para garantir seu sustento, populações inteiras vagavam pelos continentes atrás de emprego e comida.

9. Politicamente, a derrota de Donald Trump nos EUA mostrou que os projetos eleitorais da ultradireita não conseguiram resolver a crise, especialmente a deterioração das condições de vida de setores médios da sociedade. É certo que seguem polarizando em muitos países, mas o que marca este último período é justamente a falta de um projeto que possa superar a conciliação de classes, sem cair no atraso e retrocesso que representam os governos da extrema direita.

10. Com uma falsa retórica e uma política voltada para a “humanização do sistema”, os governos de “conciliação de classes” foram se adaptando cada vez mais à lógica neoliberal: garantindo o lucro dos rentistas, a farras dos bancos, as privatizações. Por isso não podemos voltar a alimentar ilusões de que os mesmos são a saída para os problemas da classe trabalhadora.

@S TRABALHADOR@S NÃO ACEITAM PAGAR ESTA CONTA

11. Até 2019, @s trabalhador@s vinham enfrentando com muita disposição a política de ataques aos direitos trabalhistas e reformas que os governos estavam aplicando. Grandes mobilizações, greves e protestos ocorriam em todos os cantos do mundo, numa crescente de revolta contra a carestia, a fome e o desemprego.

12. Mesmo nos EUA, o governo ultraliberal e de extrema direita teve dificuldades em enfrentar o conjunto de trabalhador@s que saíram às ruas questionando as medidas neoliberais e os retrocessos nos direitos dos imigrantes, a violência policial racista, etc.

13. Em 2020, a pandemia freou o avanço das lutas, colocando um grande obstáculo à frente das mobilizações: a luta pela vida! O medo tomou conta da humanidade. Fronteiras foram fechadas, foi decretado o isolamento social e várias outras medidas sanitárias para conter o avanço do vírus.

14. Mas isto não impediu que crescesse, no mundo, um sentimento de revolta às políticas que reduzem as condições de vida dos povos. Até porque, de forma quase inacreditável, os bilionários do planeta aumentaram suas fortunas em 25% em plena pandemia. Isto prova a barbárie do capitalismo e sua indiferença com a dor e o sofrimento do povo.

15. O ano que passou foi marcado pelas lutas antirracistas protagonizadas em vários países, inclusive no Brasil. O estopim, certamente, foi o assassinato de George Floyd, em Minneapolis, EUA, em maio de 2020, cuja imagem de um policial ajoelhado sobre seu pescoço até a sua morte chocou o mundo e provocou revolta social e uma onda global de protestos. Recentemente, em abril deste ano, o policial foi considerado culpado por homicídio doloso de segundo grau e aguarda a definição da pena, que pode chegar a 40 anos de prisão.

16. Na América do Sul, a Colômbia vive um período de muita tensão interna, com protestos e grandes mobilizações contra uma proposta de reforma tributária apresentada pelo governo. O governo reagiu com violência, com um saldo de quase uma centena de mortos e mais de mil feridos, isto em números oficiais. Embora o presidente Ivan Duque tenha retirado o projeto, a luta segue, por programas sociais e contra as políticas de privilégios para os ricos, neste país que é um dos “campeões” mundiais da desigualdade.

17. As atenções do mundo se voltam mais uma vez para a região da Palestina, onde Israel faz uma nova ofensiva contra o povo palestino, bombardeando, com seu poderoso arsenal, a Faixa de Gaza. O presidente israelense, Benjamin Netanyahu manipula o fanatismo religioso e a intolerância dos setores ultra ortodoxos, que são os que mais crescem entre a população judaica, para aumentar o ódio aos palestinos.

18. Esta não é uma “guerra”, como alguns tentam mostrar. É um verdadeiro genocídio, devido à absurda desproporção de forças. Somente nestas últimas semanas, o número de mortos no lado palestino supera 120, incluindo 28 crianças e quase mil feridos, enquanto Israel contabiliza sete vítimas fatais.

19. Por isso precisamos ter claro que todas as lutas – sejam de resistência ou de enfrentamento – necessitam estar alicerçadas na mais ampla unidade de ação e na solidariedade d@s trabalhador@s e da juventude. Mas esta unidade precisa ser forjada por baixo, para que, no calor das mobilizações, possa ser

construída uma alternativa política independente d@s trabalhador@s, capaz de enfrentar a barbárie capitalista.

II. CONJUNTURA NACIONAL

O BRASIL EM TEMPOS DE BOLSONARO

20. O Brasil vive um processo de profunda crise política, econômica e social, certamente, uma das piores já ocorridas no país. Bolsonaro contribuiu – e muito – para isto! Os números da pandemia, o atraso na compra de vacinas, a falta de políticas sociais para conter o avanço da miséria e da fome, mostram o desastre que é este governo.

21. Porém, o presidente não muda a sua postura, pois aposta na polarização com o PT para tentar vencer as próximas eleições. Embora Trump tenha sido derrotado nos EUA, o que representou uma derrota para os governos de ultradireita, Bolsonaro segue com seu discurso contra a esquerda e os movimentos sociais, usando a pregação religiosa e a defesa “da família e dos bons costumes”, além do negacionismo criminoso em relação à pandemia.

22. Com certeza, Bolsonaro está mais fraco. As próprias pesquisas comprovam a sua queda de popularidade. Não poderia passar impune por quase 500 mil mortes (quando este texto está sendo escrito), além da disparada dos preços dos alimentos, dos remédios, dos combustíveis, gás de cozinha e tudo mais. Com o desemprego em alta e a saúde pública praticamente em colapso, o governo perde forças e a burguesia acende o “sinal amarelo”!

23. Mas mesmo com sua popularidade em queda, o presidente não perde sua arrogância e prepotência. Esta é a maneira de manter o apoio dos mais fanáticos, da sua “tropa de choque”, embora tenha que ter cedido grande parte do poder para o “Centrão” para não correr o risco do impeachment.

24. Um capítulo à parte, neste desastre que é o governo de Bolsonaro, está na (falta de) política ambiental. O Brasil está sendo cobrado pelas grandes potências devido ao avanço desenfreado do desmatamento, da mineração predatória e da destruição de reservas ambientais. Porém, o governo segue apoiando os grileiros e desmatadores, enquanto sucateia os órgãos de controle, colocando em risco a floresta e as populações indígenas.

25. Desde o começo de seu governo, Bolsonaro tem defendido “flexibilizar” as leis ambientais, inclusive questionando reiteradas vezes os direitos dos povos primitivos sobre suas reservas. Esta postura certamente incentivou não só o

agronegócio, mas também grileiros e extrativistas criminosos a ampliarem suas ações predatórias na região.

26. Porém, a faceta mais cruel deste governo ocorreu no (não) enfrentamento à pandemia, que, inclusive, é alvo de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) no Senado. Bolsonaro foi criminoso, pois, desde a chegada deste vírus ao Brasil, desdenhou de sua letalidade e cometeu diversas insanidades, levando o país ao topo de mortes no mundo.

27. Politicamente, o governo também mostra claros sinais de enfraquecimento. A queda do ministro (general) da Saúde, Eduardo Pazuello, a troca do comando do ministério das Relações Exteriores, a demissão dos comandantes das Forças Armadas, bem como a submissão de Paulo Guedes (outrora poderoso) aos interesses pouco escusos do Centrão, colocam o governo na defensiva.

28. É certo que na pauta econômica – leia-se ataques aos direitos d@s trabalhador@s – existe uma grande unidade de todos os setores do Congresso, do governo e da burguesia. São várias MPs e Emendas Constitucionais que retiram direitos, congelam salários d@s servidor@s e avançam nas privatizações. Correios, metrô, Banco do Brasil, CEF, SERPRO, enfim, a proposta é de liquidação do patrimônio público.

29. A falta de uma política adequada e responsável para combater a pandemia tirou muito do apoio que o governo tinha. A burguesia, embora sem ter ainda uma posição clara sobre a eleição de 2022, sabe que é preciso um plano de vacinação em massa para a retomada da economia e, por isso, subiu o tom contra Bolsonaro. Sabemos que não existem, até aqui, condições para o impeachment, também por causa da falta de mobilização de massas.

30. Os erros em relação à pandemia estão enfraquecendo Bolsonaro. O descaso, a insistência em relação ao uso de medicamentos comprovadamente sem eficácia, o deboche em relação aos sintomas da doença, enfim, o comportamento totalmente inadequado e desrespeitoso, além de completamente equivocado, trouxe consequências duríssimas para a popularidade e o futuro político do presidente.

31. Ao subestimar os danos da pandemia e levar o país à beira do caos, Bolsonaro perdeu. A morte bateu à porta de tod@s brasileir@s. Se não com parentes e amigos, com pessoas queridas e famosas, como o ator Paulo Gustavo. O luto comoveu a nação, assim como a miséria e a fome. São milhares de campanhas de solidariedade e, mesmo assim, o governo sequer manteve o auxílio emergencial.

O RETORNO DE LULA À CENA POLÍTICA E A TÁTICA MAIS CORRETA

32. O cenário político brasileiro sofreu profunda alteração neste último período. A queda de prestígio de Sérgio Moro, a sua “suspeição”, a anulação dos julgamentos de Lula no âmbito da Operação Lava-Jato, em Curitiba, pelo STF, trouxe o ex-presidente de volta ao jogo eleitoral e as pesquisas já o colocam em primeiro lugar nas intenções de voto.

33. É claro que a burguesia ainda está analisando o cenário e pensando no que fazer em 2022. É certo que Bolsonaro perdeu muito espaço e que Lula não é a opção ideal para a classe dominante, mas até agora nenhuma alternativa de direita conseguiu se firmar. Dória, Luciano Huck e até Eduardo Leite se lançaram, mas nenhum deles apareceu como viabilidade nas pesquisas de intenção de voto.

34. Mas este quadro não pode paralisar o PSOL e trazer para o interior do Partido um dilema: o apoio à Lula no primeiro turno ou a candidatura própria. É evidente que o partido precisa aparecer com sua própria identidade, pois foi como oposição “de esquerda” ao petismo que surgimos e seria um desastre ceder ao discurso do PT de que Lula será o “salvador da pátria”.

35. Por certo que os argumentos de “derrotar a ultradireita” pesam sobre a militância, mas nada justifica que um partido político – quem sabe um dos poucos – que realmente tem credibilidade para se apresentar como uma alternativa de esquerda capitule para um projeto de conciliação de classes, sem sequer disputar um programa de saída para a crise.

36. Neste sentido, nos somamos às correntes e militantes do PSOL que estão colocando o nome do Companheiro Glauber Braga como pré-candidato do PSOL. E lamentamos profundamente que Guilherme Boulos, que respeitamos muito, tenha decidido individualmente definir seu caminho político, sem ouvir a base partidária.

37. Neste cenário de descrédito na política, crise econômica, agravada pela sanitária e, pior ainda, sem termos as ruas como palco das disputas políticas, o PSOL não pode iniciar um debate eleitoral, alimentando ilusões de que haja saídas possíveis para a classe trabalhadora nos marcos da ordem econômica do capitalismo.

38. Precisamos continuar agitando um plano econômico que tenha como base mínima:

O não pagamento da dívida pública brasileira; redução da jornada de trabalho, sem redução de salários; piso salarial nacional do DIESSE para todas as categorias de trabalhador@s; 10% do PIB para educação e 10%

para a saúde pública; congelamento dos preços de alimentos, combustíveis, impostos e tarifas; construção de casas populares subsidiadas e Reforma Agrária; prisão e confisco dos bens de corruptos e corruptores; reestatização de todas as empresas públicas privatizadas; revogação de todas as medidas aprovadas no Congresso Nacional, que retiraram direitos e conquistas d@s trabalhador@s e do povo pobre.

AUXÍLIO EMERGENCIAL DE 1 SALÁRIO MÍNIMO – VACINA PARA TOD@S – PLANO URGENTE DE RETOMADA DE EMPREGOS.

DEVEMOS CONSTRUIR A MAIOR UNIDADE POSSÍVEL COM TOD@S QUE QUEREM LUTAR. AS ELEIÇÕES, APESAR DE IMPORTANTES, NÃO SÃO A SAÍDA PARA RESOLVER OS PROBLEMAS DA CLASSE TRABALHADORA.

39. É certo que a pandemia paralisou o país. Os(as) lutadores(as), conscientes da necessidade de manter o isolamento social, frearam as mobilizações e passaram a defender a vida como bem maior. As principais bandeiras de luta neste último ano foram: Defender a vida, exigir vacina para tod@s, auxílio emergencial para combater a fome e o “Fora Bolsonaro”.

40. Atos simbólicos, redes sociais, “panelaços”, carreatas, enfim, os sindicatos e os movimentos sociais tentam ser criativos para protestar, mesmo sem mobilizações de massa. Os negacionistas também se movimentam. Mesmo com atos menores, mantiveram o apoio ao governo e ainda realizam atos presenciais sem nenhum cuidado sanitário. A polarização política, com um visível enfraquecimento do governo, se mantém, embora a pauta econômica siga com os ataques e a destruição dos serviços públicos.

41. A popularidade de Bolsonaro está em queda. Sua maior adversidade reside na crise econômica, que abala profundamente a vida do povo. A carestia, associada à absoluta falta de serviços públicos, notadamente, na saúde e também na geração de empregos, afeta sua popularidade.

42. As contradições do governo abrem possibilidades para que a classe trabalhadora reaja, mas afirmamos que a reação ainda é de setores mais organizados e bastante mediada pelo avanço da pandemia, que não arrefecerá sem vacina para toda a população, única forma de atingir a tão esperada imunização.

43. Sem esquecer que as Centrais Sindicais, apesar de terem construído uma unidade inédita, perderam muito da sua capacidade de mobilização e não podem mais ser vistas por nós como uma direção capaz de organizar os próximos passos do enfrentamento mais duro que teremos pela frente. Certamente, com a proximidade das eleições, mesmo que as condições para ocupar as ruas

estejam colocadas, tentarão frear o movimento e canalizar as energias para o apoio a Lula.

44. De qualquer maneira, seguimos afirmando que a classe trabalhadora não foi derrotada, a luta contra a opressão das mulheres e da juventude, assim como a luta antirracista, tem grande potencial explosivo, por isso, não só o apoio, mas também a atuação direta do nosso partido segue na ordem do dia. Porém, a unidade de ação não pode se limitar aos acordos na superestrutura, precisa acontecer por baixo, na base das categorias.

45. Precisamos estar armad@s para combater o governo, que seguirá atacando os setores oprimidos (negras e negros, indígenas, mulheres e LGBTs). Os poderosos são especialistas em dividir a nossa classe para enfraquecer a luta, sendo que os ataques às entidades sindicais seguem e serão intensificados quando voltarmos às ruas.

46. Cabe à esquerda classista explorar todas as possibilidades de unificar a classe (nos fóruns, frentes, etc.) com o objetivo central de mobilizar as trabalhadoras e os trabalhadores para ocupar as ruas e derrotar Bolsonaro, os governadores, e seus planos de ajustes.

47. Entendemos que o PSOL deve ter unidade para fortalecer o “Fórum Sindical, Popular e das Juventudes” e também estar na linha de frente de um chamado à construção de um Encontro Nacional da Classe Trabalhadora, um ENCLAT, para debater o processo de reorganização da classe trabalhadora brasileira.

III. BALANÇO, ORGANIZAÇÃO PARTIDÁRIA E PERSPECTIVAS

48. Não foi fácil construir o PSOL. Os(as) que estavam desde o início sabem disso. Este partido foi criado pela ousadia e rebeldia de algumas centenas de militantes, de duas ou três correntes políticas, rupturas de algumas outras organizações e os parlamentares que foram expulsos do PT.

49. Lutamos contra a cúpula petista e o “esquerdismo” nos locais de trabalho e nos sindicatos e enfrentamos o ceticismo e a direita antipetista, que almejava aniquilar a esquerda socialista.

50. Mas @s militantes e dirigentes que subscrevem esta tese não estão entre aqueles que acham que são donos do partido porque vieram antes. Valorizamos o acerto desta política, porque temos a certeza de que esta ferramenta se transformou num abrigo para alguns milhares de lutador@s de esquerda que não se renderam às ilusões de que é possível reformar o capitalismo.

51. Com certeza, as confusões e as táticas de algumas correntes, direções, ou até ativistas, dificultam a nossa diferenciação com o PT e seus aliados e isto tem que ser debatido e corrigido. No entanto, não podemos nos render às críticas infundadas, esquerdistas e sectárias para fazer coro àqueles que querem derrotar o PSOL.

52. Certamente o PSOL ainda não é visto como uma alternativa política da esquerda socialista, capaz de dirigir a classe trabalhadora brasileira, rumo à luta por sua emancipação, mas, se não é tudo isso, também temos a tranquilidade de dizer que pode se constituir como uma opção viável de direção para @s trabalhador@s.

53. Debater os problemas significa reconhecer que as Correntes são muito importantes, mas não substituem as instâncias partidárias, muito menos @s filiad@s. Um partido que não fortalece as suas instâncias, que não tem política de formação para o conjunto da militância e unidade para intervir no movimento está fadado a ser mais uma sigla eleitoral.

54. Construir um partido significa mais do que construir figuras públicas e representações parlamentares, significa formar, debater, criar espaços democráticos e plurais para discutir opiniões diferentes, e não apenas chamar @s filiad@s para “erguerem crachás”.

55. Além disso, a disputa fratricida para derrotar uns aos outros, esmagar os agrupamentos menores, ganhar militantes das outras organizações, sem falar nos blocos que polarizam nos Congressos, mas que, na maioria das vezes, se formam apenas para disputar o aparato e controlar o fundo partidário, também acabam por prejudicar a vida do partido.

56. Outro problema muito grave que o PSOL enfrenta é a hegemonia exercida pelas correntes que dirigem a base através dos seus mandatos. Isto impede o PSOL de se “enraizar” nos municípios, construir direções locais com força e estrutura para se mostrar como alternativa política. Transformam tudo em grupos de apoiador@s, prática, aliás, que em nada se diferencia dos métodos dos partidos da direita.

57. Em período congressual, pipocam denúncias de todo tipo, acusações de lá e de cá, mas que, quando conhecemos mais a fundo os métodos, percebemos que tudo é muito semelhante. No esforço de fazer maioria, prevalece a lógica do “vale-tudo”.

58. É preciso fazer uma profunda avaliação destas práticas e também de nossos objetivos estratégicos. Afinal, nossa origem está ligada diretamente ao

enfrentamento aos governos de conciliação de classes e nossa vocação é disputar a direção da classe trabalhadora.

59. Nossos ativistas sindicais, da juventude ou da luta contra as opressões têm estado à frente de muitos processos de combate e mobilização. São incansáveis nos enfrentamentos contra os patrões e os governos que insistem em atacar os direitos da classe trabalhadora e a democracia. Portanto, deve ser este nosso principal campo de intervenção.

60. O PSOL precisa também desenvolver seu trabalho junto ao campesinato, aos(as) trabalhador@s rurais, setor muito explorado e que, a cada dia, vai perdendo espaços para o latifúndio. É preciso retomar com força a bandeira da distribuição de terra, a luta camponesa é muito atual. Como dizia uma antiga canção, “é necessário unificar a luta camponesa e operária”.

61. Na nossa avaliação, é necessário que o PSOL se coloque como uma alternativa para o povo pobre, para os povos indígenas, para as mulheres, LGBTs, negros e negras e para a juventude. @s trabalhador@s devem nos enxergar como a “sua direção política”, espaço que, infelizmente, ainda não conseguimos ocupar.

62. Apesar de sermos parte ativa da luta direta da nossa classe, entendemos que o PSOL ainda intervém de forma muito fragmentada no movimento e, por isso, não consegue potencializar como poderia a sua atuação sindical, popular e na juventude.

63. Assim, não podemos deixar de responsabilizar as direções partidárias e as correntes majoritárias diante do fato de que o PSOL também é responsável pelo processo de reorganização ser muito mais lento do que a necessidade das lutas que precisamos travar.

64. As organizações que romperam com a conciliação de classes não se consolidaram para disputar a direção da nossa classe. Do nosso ponto de vista, precisamos unir forças, superar divergências e propor iniciativas que possam, de fato, fortalecer as lutas e representar as demandas cotidianas d@s trabalhador@s.

65. Precisamos construir algum grau de unidade nas eleições sindicais, bem como apoiar chapas onde as correntes do PSOL estejam se enfrentando com a burocracia sindical. Esse deve ser um objetivo a ser alcançado. Não é possível que, muitas vezes, alguns(as) entre nós tenham mais facilidade de construir a unidade com setores cutistas ou de outros partidos do que com camaradas do seu próprio partido.

66. Enfim, unificar a nossa atuação para fortalecer o partido para que o mesmo seja visto como uma direção política capaz de ocupar espaço na institucionalidade, mas também cumprir o papel de organizar a classe trabalhadora para lutar. Estimular e apoiar greves e atuar na base das categorias em luta.

67. Reafirmamos que é necessário romper com o desvio eleitoralista. É verdade que tod@s @s psolistas têm muito orgulho dos mandatos parlamentares, mas também é verdade que, na maior parte dos estados e municípios, a vida partidária gira em torno dos gabinetes. Precisamos mudar esta lógica.

68. O PSOL, para ser visto como uma alternativa política, tem que apresentar um programa de ruptura com a ordem capitalista e atuar como partido, não só nas eleições, mas no cotidiano do movimento sindical, popular e da juventude.

69. Só será possível cumprir esta tarefa, se as instâncias partidárias e, principalmente os Congressos, funcionarem. É necessário que, desde a sua preparação, se transformem em espaços democráticos de debate das diferenças e síntese, mas principalmente de armação da militância para atuar e não uma simples e inócua disputa pelo aparelho.

70. O futuro depende da nossa capacidade de superar estas diferenças, de entender que o partido precisa ser não só um abrigo para @s lutador@s, mas, para além disto, um instrumento capaz de romper com a lógica vigente. Ser não só anticapitalista, mas, acima de tudo, parte de um projeto revolucionário.

*NOSSA SOLIDARIEDADE AOS(ÀS) FAMILIARES, AMIG@S E
COMPANHEIR@S DOS QUASE 500 MIL MORTOS POR COVID NO BRASIL,
VÍTIMAS DO DESCASO DE UM GOVERO CRIMINOSO!*

“Se você vier me perguntar por onde andei
No tempo em que você sonhava
De olhos abertos, lhe direi
Amigo, eu me desesperava” ... (Belchior)

CONSTRUÇÃO SOCIALISTA – MAIO/2021

Assinam:

Neida Porfírio de Oliveira/Diretório Nacional do PSOL - Érico Corrêa/Executiva Estadual do PSOL/RS - Maira Iara Costa de Farias/Executiva Estadual do PSOL/RS - Márcia da Silva Rolim/ENFRENTE (Coletivo de Juventude) - Luiz Henrique Valente Sanches – Vigilante (Coletivo A Voz da Base) - Anália Timóteo Gomes – SEPE/RJ - Camila Palomo Debesaitys – Metroviária - Diva Luciana Flores da Costa – Presidente do SINDSEPE/RS - Maria de Fátima Vieira Contreira – Diretora Regional do CPERS - Henrique Luis Frozza – Metroviário - Jerônimo Cardoso do Nascimento – PSOL São Leopoldo - Laura Vieira Marques – PSOL Santa Maria - Lúcia Geoseli Brizola – PSOL São Leopoldo - Márcia Soledade do Nascimento – Setorial de Mulheres – PSOL - Marli Aparecida de Souza – Diretora Regional do CPERS - Mari Andreia Oliveira de Andrade – Presidente PSOL Cruz Alta – Diretora Regional do CPERS - Marivete Moraes de Melo – Conselho Geral do CPERS - Maria Norma Dumer – Conselho Fiscal do CPERS – Penha Oliveira – Direção do SEPE/RJ - Paulo Roberto dos Santos Silva – Diretor Regional do CPERS - Terezinha Bullé da Silva – Diretório Estadual PSOL/RS - Victor Hugo da Silva – ENFRENTE (Coletivo de Juventude) - Vivian Zamboni - Setorial de Mulheres PSOL - Zila Teresinha Campos Farias – Movimento Antirracista - Inara Beatriz Amaral Ruas – Conselho Estadual de Saúde - Ângela Antunes de Souza – diretora do SINTERGS - Adão Gilberto da Rosa Junior - Adão Pacheco Mendonça Neto - Adelmir Ferreira Porto - Ademir Paim de Souza - Adriana Aparecida Brandão Brizola - Adriana Nobre de Oliveira - Airton Severo Silveira - Alberi Oliveira de Andrade - Albina Maria Silveira Trindade - Aldo Godinho de Souza - Alessandro de Medeiros Barilli - Alexandre Corrêa da Silva Gerhardt - Alexandre Martins Brum - Alexandre Silveira Garcia - Alexsandro Almeida Boor - Alexsandro Rosa Corrêa - Amanda Tiele Eloy - Ana Carolina de Lima Pereira - Ana Lúcia Xavier Cabral - Ana Maria dos Santos Oliveira - Ana Maria Ortiz Belmonte - Ana Paula Ferreira Lopes - Ana Paula Moraes de Melo - Ana Regina Vieira Godoflite - Anderson Luís da Silva - André Christian da Silva Alves - André dos Santos Ferreira - André Luis dos Santos Machado - Andréa Silveira Arce - Andressa Bastos da Silva - Andreza Pereira Lima da Silva - Andria Natiele Wasiuk - Andrieli Pacheco Mendonça - Anelise do Canto Evaristo - Ângela de Souza Dresch - Ângela Maria da Silva Brandão - Angélica Bruch - Angelita Laurea de Barcelos - Anna Edimar Silveira Trindade - Antônio Carlos Rodrigues Braga Neto - Antônio Gilberto dos Santos Sanches - Ariadne Farias de Souza - Ariane Farias de Souza - Ariane Mendes da Silva - Artur Alcântara Ferreira - Artur Duarte de Moura - Astor Henrique Nagel - Augusto Dinis da Costa Schimitt - Bárbara Marcolina Ferraz de Abreu - Bárbara Rita Schievelbein - Benilde Lopes - Bianca dos Santos Alberto - Bruna Clavé Eufrásio - Bruna Soares da Silva - Cacilda da Silva - Camila Inácia dos Santos Rasch - Carla Menger Lehugeur - Carlos Alberto Nascimento - Carlos Alberto Schultz da Silva - Carlos André Brum Alves - Carlos André da Silveira Pereira - Carlos Augusto de Oliveira da Silva - Carlos Eduardo Santos de Oliveira - Carlos

Henrique da Silva Rosa - Carmen Lúcia Chagas Medeiros - Carolina da Silva Silva - Cassiana de Medeiros Barilli - Cassiane da Silva Rolim Leão - Célia de Moura Rodrigues - Cira Fernandes Machado - Cirley Cardoso do Nascimento - Claire Maria Moraes Amaral - Cláudia da Silva Marisco - Cláudia Melo da Silva - Cláudia Muhlbrier - Cláudia Simone Costa de Farias - Cláudio Everaldo dos Santos - Cleide Regina da Silva - Clemar Maria Trindade Moraes - Cristiane Goulart Machado - Cristiane Lemos Viegas - Cristiane Pereira da Silva - Cristiani Eloy – Cristina Davi Mazzei - Cristina Eloy - Daniel Rodrigues Acosta - Daniela Fraga Vidal - Daniela Frassão de Lima - Daniele Negreiros Gonçalves - Darlan Ferreira Gaúna - Débora Bruna Silveira Machado - Débora Suzan Marchesan Silva - Décio Dorneles Righi - Deise Azambuja Eichinger - Deisy Maria Silva de Souza- Deivid Goulart Barbosa - Denise Minich da Silva Silva - Dércio Gomes Braga - Diego Silva de Souza - Diogo Konrad da Roza - Diogo Lopes - Douglas Barbosa Rodrigues - Ederson Luis Gonçalves da Silva - Edgar de Quadros - Eduardo Luiz Burmeister - Elaine dos Santos Silva - Elenice de Saibro - Eliane de Jesus Bruno de Oliveira Almeida - Elio Antônio da Costa - Elisângela Alves - Elizabeth dos Santos Braga - Elizabeth Mor Malossi - Elizandra Maria Dulius - Eloá Damascena da Silva - Elson Brittes dos Reis - Enoir Paulo Martini - Érica Cristina Coimbra Gomes - Erikson Kauss Barbosa - Eulina Aranda Vieira - Evandro Antônio Sperb da Costa - Evelise Fraga Vidal - Ezequiel Colvara- Fabiana Pereira da Silva - Fabiana Schmitt Alcântara Ferreira - Fábio Luiz Fontes Martins - Fábio Rodrigues de Souza - Fabrício da Silva Vilas Boas - Fabrício Guedes Godoy - Fátima Menezes Alves - Fernanda Cantarelli - Fernanda Pereira Lemos - Fernando Kruehl de Lemos Júnior - Flávia Rafaella Gonçalves Mazzei – Flávio Marcelo Santos Vieira - Franciesco Disconzi Gonçalves - Frederico Pessoa da Silva - Fúlvio Veiga Martins - Gabriel Dutra Machado - Gabriel Zanetti Dorneles - Gabriela Marques da Silveira - Gabriela Pereira Maslinkiewicz Corrêa - Gabriele da Silva Pereira - Gean Saibro Garcia - Genecy Lopes dos Santos - Gentil Lovatel - Geraldino Silva dos Santos - Gilberto Beutler - Gilberto dos Santos Silva - Gilson Muller da Silva - Gisele de Oliveira Camaran - Glaucilene Andrades Teixeira - Grazielle Espíndola Bisognin - Helga Anita Krause Feliciano - Hosana de Fátima da Silva Pereira - Humberto Maslinkiewicz Corrêa - Iandora Alves de Melo - Iara Maria Porto dos Santos - Indaiara Ferreira - Inez Goreti Silveira - Iolanda Gabriela de Oliveira - Ione Zillmes Nikititz - Isadora Mazzei Fernandes - Itajuba Alves Leão - Ivete Maria Fraga Vidal - Ivone Terezinha Devantier - Jaci Leite dos Santos - Jacinta Maria Deves do Nascimento - Jaderson Gabriel Kovaleski - Janaína da Silva Vendruscolo - Janaína de Fátima Echeveste Pereira - Jane Lucena da Conceição Acosta - Jaqueline Ferreira - Jean Carlos Andrade Martins - Joana Almeri Vieira da Costa - João Alcides Haetinger Esmerio - João de Deus Nunes da Silva - João Feliciano Correa Godoy - Joaquina Gládis Rodrigues Freitas - Jocimara Matos Pinto Gomes - Joe Luiz Souza de Araujo - Jonathan Dutra Lemos - Jones Acosta - Jorge Alberto Lencina de Souza - Jorge Alberto Sant'anna do Nascimento - Jorge Elir Pereira da Silva - Jorge Fernando de Brum Filho - Jorge Luiz dos Reis Briance - José Francisco

Delgado Nunes - José Francisco Vidal Machado - José Oli da Silva - José Paulo Arnhold - Joseane de Oliveira Amado - Josefina Diniz do Nascimento - Josiane Duarte de Oliveira Lima - Josiely Lopes Rodrigues - Judite Fortes Stefanello - Juliana de Oliveira Cruz - Juliana dos Santos Nunes - Juliano Balbinot - Juliano Minich da Silva - Julieta Duarte dos Passos da Silva - Kaiana Prado Bonesso - Kamila da Silva Medeiros - Karen Machado Ferreira - Karina Goulart Fischer - Karla dos Santos Guterres Alves - Kelin Daroz - Kerolyn Cassiane D'Ávila - Laiana Cristine Silva dos Santos - Lari Costa de Farias - Laura de Brizola Perdonssini - Lauro Ronaldo Ancheta Campos - Leda Maria Lemos Porto - Lege Vianini de Andrade - Leila Georcelei de Brizola Perdonssini - Leonardo Guilherme Van Leeuwen - Liane Werle Vogel - Lucas Boeira Bittencourt - Lucas Loch Moreira - Luciana Caroline Costa de Farias - Luciana da Silva Souza - Luciana Martins Santos - Luciane de Oliveira Borges - Luciani Silva de Aguiar - Lucimar de Fatima Marchesan - Luis Antonio Martins Mendonça - Luis Antonio Silva da Silva - Luis Fernando Ifarraguirre Wastowski - Luis Paulo da Silva - Luiz Gladistone de Almeida Kossmann - Luiza Maria Marques Leal - Luizi Victória Scheffer Rosauo - Luzia Regina Pereira Herrmann - Luziane de Oliveira Camargo - Magali Brenda D'ávila - Magda Jandrey Pereira - Magda Poloni - Maira Taihan Oliveira de Souza - Manoel Daniel da Silva Neto - Mara Rúbia Silva de Moraes Silveira - Marcelle Dias dos Santos - Márcia Alessandra Feliciano - Márcia Aparecida Palomo - Márcia de Medeiros Barilli - Marcio Antão dos Santos Silva - Márcio Daniel Martins da Rosa - Marco Antônio Miranda Monteiro - Marcos Porto Rodrigues - Marcos Rosa Mesquita - Margarete Brum Alves - Margarete Gonçalves Moreira - Margarida Julieta Pacios Meirelles - Maria Amália de Oliveira - Maria Aparecida Portela Prado - Maria Cristina Lentz - Maria da Conceição Reis - Maria da Glória Sampaio de Oliveira - Maria da Graça de Lima - Maria da Graça dos Santos Ribeiro - Maria de Fátima Oliveira Pedroso - Maria Eli Barbosa Camargo - Maria Elizabete Lopes da Silva - Maria Helena Boeira Bittencourt - Maria Hilda Loss de Farias - Maria Lúcia de Matos Conceição - Maria Luiza Nobre Ribeiro - Marialva Fátima Abido - Mariana Dumer Borges - Mariana Lohmann da Rosa - Mariana Rosa da Silveira - Marilda Aparecida Palomo Rodrigues - Marileia Oliveira de Andrade - Marilen Fagundes Pêres - Marilene Carvalho Silva - Marília Cristina Silveira de Souza - Marina Beatriz Porto dos Santos - Marisa Catarina Goulart de Mello - Marisa Farias Boeira - Marlene Simões dos Santos - Mateus Felipe Bernard - Mayco Rodrigues Witt - Michele Oliveira Carneiro - Michele Rodrigues Goulart - Michelle dos Santos Ribeiro - Miguel Gustavo Corrêa Chagas - Milton Martins Santos - Nara D'Ávila Fontoura - Natali Mariana Salgado Ouriques - Nathália da Silva Ximenes - Neiva Acosta de Freitas - Neiva Maria Bortolotti Pinheiro - Nelda Muhlbeier Kessler - Neuza Maria Rey - Neuza Porfírio de Oliveira - Nilva Terezinha de Oliveira Camargo - Noemi Teresinha França - Noêmia Maria da Silva - Norma dos Santos Machado - Odacir Alves da Silva - Odete do Amaral Marcolan - Odilon Carrion Esmério - Olavo Vivian Marques - Olinda da Silva Nogueira - Osvanir de Jesus da Cunha Barcellos - Pâmela dos Santos Sinhorelli - Patrícia da Rocha - Patrícia da Silva

Vendruscolo - Patrícia de Jesus Souza - Paula Frantielen Gonçalves da Silva - Paulo Cesar Goularte de Quadros - Paulo de Freitas Leão - Paulo Valério Machado - Pedro Cezar Araújo - Pedro Henrique Brizola Dutra Gonçalves - Pedro Moacir Abrianos Moreira - Pedro Paulo Veriato Siqueira - Peterson Mello da Silva - Rafael Silveira da Silva - Rafaela Cristina Altenhofer - Rafaela de Farias Ávila - Rafaela Ferreira - Ramão Cunha Fonseca - Ramiro Dumer Borges - Raul Gonçalves Ferreira - Regis Dias da Silva - Rejane Maria de Araújo Alves - Rejane Moraes Souza - Ricardo Maslinkiewicz - Roberta Maslinkiewicz Corrêa da Silva - Robson Silveira de Oliveira - Roger Boeira Bittencourt - Roger dos Santos Pereira - Roger Jonathan Reis de Moura - Ronaldo Rodrigues de Abreu - Rosana Longoni Grigoletto - Rosana Marques de Souza - Rosane Pacheco Mendonça - Rosângela Pacheco Mendonça - Rose Fátima Viegas Matzembacher - Roseana Caetano Gonçalves - Rosenei Nikititz Lopes - Rosinha da Cruz Silva - Rubem Nolasco Queiroz Romero - Sabrina Silva Santos - Salete da Graça Remedy Fonseca - Sandra Bernarda Mantovani - Sandra Maria Lisboa de Moura - Sandra Pereira Weber - Sandro Guaragni - Santa Marlene Figueira Barbosa - Selmar Aldoni dos Santos Severo - Sérgio Moreira Vaccari- Sérgio Roberto Debesaitys - Silvana Elisabete Sperb da Costa - Sylvania André da Silva - Silvia Cristina Sonemann Acosta - Simone Fortes da Silva Alves - Simone Ilha Silveira - Sônia Teresinha Pacheco Braga - Stéfani do Rosário Diniz - Sueli Fernandes Rosa - Taiguara Souza Camargo - Tailine Graminho da Silva - Tanara Rodrigues de Moura - Tania Marisa Borges de Melo - Tânia Regina da Silva - Tânia Terezinha da Cruz Fonseca - Tatiane Eloy - Thais Oliveira da Cunha - Thalles Bruno Silveira Machado - Thiago Pereira Lopes - Vagner Luiz Deves do Nascimento - Valdemar Maidana da Silva - Valdineia Ramos Silveira - Valeria Silva Leiria - Valeria Virginia Rosa da Rosa - Valquíria Elisabete da Rosa - Valquíria Marques Oliveira - Vandreia José Sobrinho - Vanise de Oliveira Tetour - Vera Cristina Silva Martinez - Vera Lúcia dos Santos Ollermann - Vera Maria Fischer de Melo - Vera Terezinha dos Santos Sulzbach – Victor Senna Maia - Victória Sampaio de Oliveira - Vinícius Carlos Deves do Nascimento - Vinicius da Rosa Silveira - Vinicius Pimentel de Andrade - Virgínia Maslinkiewicz Corrêa da Silva - Wesley Gomes Barbosa Oliveira - Yago de Farias Lima - Zenira Ana Andres Manara - Zenita da Silva - Zulma Araujo